
LUTO E MORTE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA EM ANIMAÇÕES

Bruno Toso Andujar* (Discente do Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR; Brasil). Aline Sanches (Prof^ª. Dr^ª. do Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá; Maringá-PR; Brasil)

contato: brunotoso@gmail.com

Palavras-chave: Animação. Psicanálise. Morte.

Primeiramente, afirmamos que o luto é uma experiência singular, isto é, vivido por cada indivíduo de uma maneira única. O luto pode decorrer de situações que não se devem a morte necessariamente, ou seja, pode ser iniciado ao término de um relacionamento ou a uma mudança de cidade, por exemplo, e segundo a teoria psicanalítica, o trabalho do luto é a retirada sucessiva de libido do objeto que não mais existe, o que cria a possibilidade de reinvestimento em outros objetos. Assim sendo, será apresentado o no presente trabalho, as considerações sobre o luto a partir da psicanálise, considerando-se que o objetivo geral da pesquisa foi analisar de que modo o luto e a morte são representados em animações infantis. Além disto, os objetivos específicos foram: 1) Trazer os conceitos de luto e identificação segundo a teoria freudiana; e 2) Analisar como são as representações de luto, morte, dor, sofrimento e culpa em filmes infantis do gênero animação. Para analisarmos os temas citados acima, foram utilizadas como objeto de estudo as animações “Bambi”, “O Rei Leão” e “Up, Altas Aventuras”, que foram escolhidos por considerarmos que os três demonstram à morte de maneira lúdica, fazendo-se compreensível ao público infantil. Além disso, as animações escolhidas são de períodos diferentes (Bambi, 1942; O Rei Leão, 1994; Up, Altas Aventuras, 2009), o que mostraria diferenças e semelhanças nas representações do tema.

Utilizou-se na realização deste estudo a metodologia da pesquisa básica pura (Gil, 2010, p.26), que são “aquelas destinadas unicamente à ampliação do conhecimento”, tendo como objetivo a análise da representação do tema morte e dos processos psíquicos relativos ao luto em animações. A metodologia utilizada pode ser classificada como uma pesquisa

exploratória, que segundo Gil (2010, p. 26) “tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Tal trabalho apresentará uma breve exposição e explicação de conceitos básicos, ou seja, deteremo-nos a uma explanação de temas psicanalíticos, fundamentais para a compreensão do tema estudado.

A análise das animações foi realizada tendo como pressuposto a análise psicanalítica de script filmico estabelecida por Metz (1957/1982 apud Machado Jr., 2014), na qual os personagens, a trama, e a cenografia são tomados como um texto - a transição processual do código audiovisual para o narrativo, a fim de encontrar novas compreensões da obra. Tal transição é realizada através da experiência do espectador. O código narrativo foi observado após inúmeras visualizações dos filmes, destacando-se falas e cenas relacionadas ao tema, o que levou-nos a transcrever algumas cenas mais representativas ao assunto.

No texto “Luto e melancolia” (1917 [1915]), Freud nos traz que os profissionais da área da psicologia não devem compreender o luto como patologia nem indicar ao sujeito enlutado um tratamento médico, apesar de características como afastamento da vida social e retraimento. Tomando uma concepção psicanalítica, o luto é o trabalho feito pelo ego que levará à adaptação à nova realidade de perda do objeto libidinal. Somente inicia-se depois da percepção da perda e expressa-se na forma de retirada sucessiva de libido do objeto agora ausente, possibilitando assim o reinvestimento em novos objetos. Vale ressaltar que o ego do sujeito enlutado pode ser um dos objetos ao qual a libido pode-se voltar, isto é, o próprio ego do sujeito é passível de reinvestimento libidinal, em algumas situações. O luto seria também, segundo Franco e Mazorra (2007, p. 504), “o processo de identificação com o objeto perdido [...] que não implica no desligamento total de tal objeto, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada com o luto”.

O trabalho do luto consiste, para Freud (1926 [1925]), na retirada de porções da libido das representações objetivas, em razão da ligação, ao objeto inexistente, das situações nas quais ele foi depósito de grande investimento libidinal, o que gera satisfação. O desinvestimento é doloroso, segundo Freud, porque o investimento do anseio pelo objeto, que é alto e no

momento não gera satisfação, se mantém psiquicamente centrado ao objeto, enquanto reproduz ocasiões em que foi gerado algum prazer em relação ao objeto. É crescente a quantidade de libido investida no objeto, gerando um acúmulo desprazeroso que é transformado em dor psíquica. Desse modo, ao mesmo tempo em que o trabalho do luto é doloroso, o investimento libidinal no objeto não propicia mais prazer e mantém-se em alto nível.

Destarte, ao amar um sujeito estabelece uma relação muito significativa, produzindo, para a teoria freudiana, um investimento psíquico no objeto amado. Discorremos, neste ponto, sobre um laço afetivo, uma ligação psíquica entre sujeito e objeto que se dá por meio do investimento da energia instintual de origem sexual, denominada libido. Partes dessa energia são investidas nas representações psíquicas do objeto em questão. Assim, pode-se dizer que há uma ligação libidinal com o objeto externo, isto é, uma junção entre libido e objeto, que tanto pode ser uma pessoa quanto a casa onde moramos. Após a união, ocorre a transição do objeto em um objeto de gratificação da libido, passando assim a desempenhar um importante papel na vida do sujeito apaixonado.

Desse modo, a partir do momento em que algum objeto de investimento de libido deixa de existir psíquica ou fisicamente, ou seja, quando ocorre a perda, faz-se necessário, conforme Freud (1917 [1915]), que a libido investida seja retirada do objeto inexistente e dirigida a outro. Vale ressaltar aqui que, apesar de o objeto não existir mais, as lembranças e os vínculos continuam no aparelho psíquico. Logo, o trabalho do luto consistiria no desinvestimento das representações de objetos e na ligação da libido desinvestida à outros destinos que possibilitem satisfação. Anteriormente ao reinvestimento dessa quantidade de libido “sem um objeto específico”, ou seja, sem um destino determinado, o mundo do sujeito enlutado passa à ser considerado pobre e vazio.

Após assistir o filme “Bambi”, de 1942, apreendemos que a morte é retratada com bastante naturalidade, trazendo a ideia da finitude do ser humano, mesmo sendo um filme destinado ao público infantil, o que vai ao encontro do fato de que mostrar e tratar desse assunto com crianças pode facilitar no processo de entendimento e de vivências relacionadas a

perda, gerando uma espécie de “luto compartilhado” com a criança, que passará a entender a morte como parte da vida. No tocante ao “luto compartilhado”, ainda pode-se inferir que a figura de um terceiro próximo, neste caso o pai, é extremamente importante, servindo, dentre diversas formas, como um apoio, como um objeto possível de investimento da libido que estava fixa no objeto agora inexistente. Isso auxilia o ego do sujeito enlutado no que diz respeito a não ocorrência do acúmulo de libido que antes era investida, neste caso, na mãe.

Afirmamos que o filme “O rei leão”, de 1994, traz à tona características importantes do luto infantil, como a onipotência que a criança têm ao acreditar que ela é a causa de todas as consequências ao seu redor, o sentimento de culpa quando alguém morre e o temor de ser responsabilizado pela morte desse alguém. Um importante conceito psicanalítico pode ser observado no filme: a identificação com o objeto perdido, no momento em que o protagonista, ao ver sua imagem refletida no lago, enxerga seu pai e ouve de alguém que seu “pai vive dentro dele”. A fala se relaciona com a teoria do luto quando ilustra a introjeção do objeto perdido, ou seja, quando o sujeito enlutado consegue perceber que seu ego não precisa do objeto para se satisfazer, as lembranças que têm-se do objeto agora perdido já são passíveis do investimento de libido. Isso significa que, como discutimos anteriormente, apesar de o objeto deixar de existir, o vínculo ainda persiste, continuando a atuar no interior do aparelho psíquico. O filme traz, ainda que se tratando de uma animação e estar repleto de elementos lúdicos, como o trabalho do luto se desenvolveu no decorrer da vida do personagem principal, mostrando todos os conflitos e sentimentos que poderiam surgir durante esse período.

Na produção “Up, Altas aventuras”, de 2009, observa-se, como no filme anterior, o trabalho do luto propriamente dito, desde o início, no qual o protagonista personifica a esposa falecida na casa, falando com o mobiliário e com retratos, até o momento em que ele se dá conta de que “aquilo não passa de uma casa”. Ademais, pode-se inferir que conforme ele vai investindo libido em outros objetos e isso vai gerando situações prazerosas, a libido anteriormente investida na esposa, agora falecida, vai encontrando novos destinos passíveis de satisfação. Ou seja, entende-se que o filme traz a possibilidade para o psiquismo infantil de compreender que a energia libidinal que antes era investida no objeto perdido, pode encontrar

outros meios de satisfação. Isso não significa que o objeto perdido será substituído, mas que este transformar-se-á em um objeto de saudade.

Pode-se concluir, com isso, que a morte de um ente querido faz com que a criança entre em contato com sentimentos de culpa, temor, dor e saudade. Segundo Aberastury (1982, p.180), “quanto menos idade têm a criança, mais intensas às consequências da perda”.

A autora prossegue dizendo que:

o equilíbrio mental prévio às circunstâncias da morte, a atitude dos familiares com relação ao fato e a forma como é comunicado são fatores que entorpecerão ou facilitarão a elaboração do luto, processo por si só difícil e doloroso de realizar. (Aberastury, 1982, p.180)

Ou seja, bem como já dito anteriormente, tratar de um tema tão comum, como a morte, com uma criança, pode auxiliá-la no processo do luto, fazendo com que entenda que é um processo natural da vida e que ela pode contar com o auxílio dos adultos à sua volta, compartilhando sua dor e conseguindo elaborar o luto de maneira saudável, sem causar prejuízos ao desenvolvimento do aparelho psíquico.

Referências bibliográficas

- Aberastury, A. (1982). *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Franco, M. H. P.; Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. 503-511. *Estudos de Psicologia*. Campinas, SP.
- Freud, S. (1917 [1915]) Luto e melancolia. In: *Obras completas*. (V. 12) (P. C. Souza, Trad.) São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1926[1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 20). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.
- Gil, A. C. (1946). *Como elaborar um projeto de pesquisa*. (5a ed.)- São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- Machado Junior, P. P. *Psicanálise, cinema e fantasia: a análise de filmes pela perspectiva de Melanie Klein e autores pós-kleinianos*. /Péricles Pinheiro Machado Junior; orientadora Belinda Piltcher Haber Mandelbaum. – São Paulo, 2014.